

Levante do Bosque: a cobertura do confronto entre policiais e estudantes na UFSC¹

Ana Carolina VAZ²
Taynara NAKAYAMA³
Amanda REINERT⁴
Dener ALANO⁵
Gabriel NEVES⁶
Mateus BOAVENTURA⁷
Ana Carolina FERNANDES⁸
Wharley dos SANTOS⁹
Leisiliê Caroline da SILVA¹⁰
Cárlida EMERIM¹¹

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

A reportagem faz parte de uma cobertura especial realizada pelos alunos de Jornalismo sobre um confronto, no dia 25 de março de 2014, que envolveu policiais (federais e militares), estudantes e professores da UFSC dentro da universidade. O motivo foi a prisão de um estudante que estaria portando drogas ilícitas e foi pego por policiais sem farda que investigavam o tráfico e o consumo de drogas no campus. A equipe de estudantes chegou no Bosque do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) onde já estava em curso a prisão do estudante que logo foi contestada por professores e outros estudantes que se uniram para não permitir a prisão do aluno. A reportagem mostra a cobertura do confronto, sem roteiro prévio, o que permitiu aos estudantes de Jornalismo vivenciar uma experiência de produção de telejornalismo em tempo real e o seu desdobramento inesperado.

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade 10 Reportagem em Telejornalismo (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: anacvazz@gmail.com

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: taynara.nakayama.s@gmail.com

⁴ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: amanda.reinert94@gmail.com

⁵ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: deneralano@gmail.com

⁶ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: gabrielneves.jor@gmail.com

⁷ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: mateusboaventura@gmail.com

⁸ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: anacarolinafernandadesm@gmail.com

⁹ Estudante do 7º. Semestre do Curso de Letras Libras da UFSC, email: wm.bassiccm@gmail.com

¹⁰ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, email: leisilie.caroline@gmail.com

¹¹ Orientador(a) do trabalho. Professor(a) da graduação e pós-graduação do Curso de Jornalismo da UFSC, email: carlidaemerim@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Cobertura Factual; Reportagem; Confronto; Experimentação.

1 INTRODUÇÃO

Não é de hoje a ideia de que para se fazer um bom jornalismo, é preciso estar no local dos fatos e ver de perto o que está acontecendo. No entanto, ainda é vigente a dificuldade no fazer uma cobertura em telejornalismo de confronto ou guerras, ainda mais quando se está em pleno aprendizado sobre como fazer jornalismo e este confronto envolve seus próprios pares, neste caso, estudantes universitários.

A reportagem televisiva intitulada **Levante do Bosque** faz parte de uma experiência de grande cobertura em tempo real vivenciada por estudantes do Curso de Jornalismo (JOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) que foram cobrir uma prisão de um estudante e acabaram cobrindo um grande confronto entre policiais, estudantes e professores, que durou em torno de duas horas resultando em enfrentamento físico dos estudantes contra os policiais que revidaram com tiros de balas de borracha, emprego de gás lacrimogêneo e spray de pimenta. Em resposta, os estudantes viraram uma viatura da segurança do campus e quebraram o vidro de um carro não oficial que estava em uso pela polícia federal para a investigação sobre o tráfico e o consumo de drogas dentro da universidade. A reportagem foi veiculada no telejornal universitário TJUFSC, produzido de segunda a sexta-feira, por alunos do Curso de Jornalismo da UFSC, exibido ao vivo pelo canal de *streaming* da universidade que tem como proposta simular a produção de notícias como numa redação de televisão, com *deadline* real e reportagens factuais cujos temas recaiam sobre os interesses do público universitário e seus adjacentes. Esta proposta está em conformidade com o Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da UFSC que tem uma ênfase no fazer como estratégia de aprendizado em busca de uma formação profissional mais eficiente e qualificada. A reportagem permitiu aos alunos experienciarem um factual diferente ao estar em contato direto com o fato em meio ao confronto, capturando imagens e percebendo as reações dos envolvidos entre o enfrentamento físico, as balas de borracha e o tumulto causado pelo gás lacrimogêneo e o spray de pimenta em todos que estavam no Bosque do CFH, inclusive jornalistas. Além da relevância da experiência emocional e a

proximidade com uma atuação profissional, os alunos (que estão entre os primeiros a chegar para cobrir o fato) tiveram que tomar decisões rápidas, aplicar os preceitos de produção de telejornalismo bem como enfrentar seus próprios dilemas éticos ao reportar um fato que envolvia estudantes (como eles) em confronto com a polícia.

2 OBJETIVO

O objetivo da reportagem **Levante do Bosque** era o de mostrar com mais aprofundamento o que aconteceu no episódio do confronto entre a polícia, os estudantes e professores no campus da UFSC, pois, muitos materiais soltos já haviam sido publicados nas redes sociais e, embora aquele fato fosse factual e inesperado, já não era mais novidade na comunidade universitária e nem no estado catarinense. A cobertura da mídia tradicional sobre o fato também não conseguiu, num primeiro momento, esclarecer o acontecimento, pois não acompanhou todo o desdobramento, chegando um pouco antes do confronto mais forte. Assim, os alunos, de posse de todo o material gravado, cerca de 14 fitas em formato MiniDV, com uma hora de duração cada, organizou um especial propondo-se a reportar todo o acontecimento com início, meio e fim, para tentar trazer as respostas às perguntas que muitos se faziam. O diferencial da reportagem dos alunos do Jornalismo da UFSC é que ela mostra a negociação dos professores (que assumiram um papel de mediador entre estudantes e policiais) na tentativa de lavrar um termo circunstanciado do porte de drogas do aluno e evitar que ele fosse levado preso, na viatura, para a Polícia Federal. Estas imagens eram **exclusivas**, só os alunos tinham gravado e, depois da exibição no telejornal TJUFSC, no dia seguinte, várias emissoras as repercutiram ou pediram autorização para repercutir em seus veículos.

3 JUSTIFICATIVA

Como justificar uma cobertura de um fato, factual e inesperado, cujo desdobramento não era previsto e nem passível de pauta a não ser em sua própria ocorrência? O desafio que enfrentamos foi o de tomar as decisões enquanto cobríamos o acontecimento, em meio a

uma situação tumultuada, com estudantes e policiais em embates duros, em tom de ameaça constante, um acirramento crescente dos ânimos e uma mudança de rumo da pauta a cada desenrolar da situação. A justificativa deste trabalho pode ser encaminhada sob dois aspectos: 1) o aprendizado que nos proporcionou lidar com um fato tão intenso, emocionalmente forte e de certa forma sem que a gente pudesse adivinhar ou adiantar o que poderia acontecer; 2) as decisões editoriais que precisaram ser tomadas durante a cobertura e que também nos ensinou a pensar aspectos diferentes sobre o trabalho do jornalista que lida com as notícias em tempo real, com a pressão para publicar o que tem, às vezes sem ter a apuração completa. Esta reportagem se justifica pelo ineditismo de seu tema, pelo momento de registro ininterrupto e em tempo real e pela decisão de postar um material maior, mais aprofundado em detrimento do imediato sem contexto e apuração. Televisão é imagem e ao vivo, mas a opção foi fazer um material mais completo já que a novidade não estava mais com a nossa equipe, cuidadoso na edição e que pudesse mostrar o quanto foi tenso realizar o trabalho jornalístico deste fato.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Segundo Emerim e Brasil (2011), o termo **cobertura** está ligado *ao trabalho de reportagem a ser realizado no local de ocorrência de um fato a ser noticiado* podendo ser **todo o trabalho de reportagem que apresenta um tema sob diferentes abordagens**, ou seja, **que aprofunde, desenvolva ou diversifique o tema central** (p.04). Mas, ampliando mais o conceito, Emerim e Cavenaghi (2013) ainda apontam que é possível, a partir deste entendimento, *compreender que a cobertura jornalística televisiva não trata de notícias ou do noticiar e, sim, das informações que surgem a partir dos desdobramentos e das prospecções*. Isto porque, segundo as autoras, o sistema produtivo da televisão atual não consegue anunciar fatos novos com a mesma rapidez que a internet e os dispositivos móveis e, assim, investe em reportar os fatos e acontecimentos de forma mais completa, abordando seus aspectos mais diferenciais. E foi exatamente nesta perspectiva que se estabeleceu o percurso da cobertura que, segundo Barthes (1964) trata-se de um *fait divers*, ou seja, um fato diverso que chama a atenção pelo seu imprevisto e pelo desdobramento que se seguiu,

mas que não tinha uma previsão e, por isso, não foi planejado em termos de cobertura televisiva. A produção de telejornalismo na universidade, fora da televisão institucional, passa pelo uso da estrutura de ensino, dos laboratórios de aprendizado, que tem horários de funcionamento e dependem da supervisão de professores e de servidores técnicos administrativos em educação. No dia desta cobertura do confronto, 25 de março de 2014, a UFSC enfrentava uma greve dos servidores técnicos administrativos em educação o que restringia, também, o horário de acesso aos prédios e laboratórios da instituição. Por uma questão de estrutura de produção, toda a equipe se deslocou para a cobertura da prisão do estudante e, pelo próprio desdobramento, não retornou, permanecendo em tempo integral no local dos acontecimentos. Revezando-se, apenas, para buscar baterias e fitas. Como o prédio do Curso fechou às 18h e considerando que o confronto ainda estava em curso, a equipe não conseguiu entrar **ao vivo** naquele dia, nem mesmo com um boletim de plantão, em razão da restrição de acesso ao prédio. Diante da limitação, a equipe decidiu permanecer no local capturando o maior número possível de imagens, na expectativa de acompanhar todos os desdobramentos do fato. Cabe ressaltar aqui, a noção de fato empregado pelo artigo, pois, seguindo a proposição de Emerim:

Acredita-se que o **fato** que ocorre nas ruas sofre um processo discursivo até ser exibido como notícia no programa, sendo a noção de fato definida, de modo geral, como **ocorrência natural ou produzida**. Os **fatos naturais** podem, ainda, ser **subdivididos** em **comuns** (aqueles que se inscrevem nas expectativas do consenso social) e **incomuns** (aqueles que não estão inscritos nas expectativas e, portanto, são inusitados e/ou surpreendentes). Também é crença que não há possibilidade de acesso ao fato bruto; ele só se apresenta mediado pela linguagem, o que o transforma em acontecimento. Isso pressupõe que a realidade não seja algo dado e, sim, construído, estruturando-se no contínuo entrelaçamento entre os sujeitos humanos e o mundo em que vivem: a realidade é construída permanentemente nessa tensão e o ser humano é o seu construtor. Por isso, entende-se o fato como uma **instância virtual de um evento ocorrido no mundo ao qual não se tem acesso a não ser a partir de sua construção discursiva: o acontecimento**, ou seja, comuns ou incomuns os acontecimentos são fatos que receberam um tratamento discursivo. (EMERIM, 2012, p. 50 e 51)

Como já dito, o episódio reportado trata de uma cobertura inesperada que não

contou com planejamento prévio nem com um alinhamento a um roteiro de pauta, o que mesmo em se tratando de uma reportagem factual que é praxe de ser recoberta pelos alunos do Curso de Jornalismo nas disciplinas de Telejornalismo ou em projetos de extensão, como o TJUFSC, fugiu desta rotina do factual tradicional porque não se tinha possibilidade de domínio sobre o tempo de duração ou de como ele iria se desenvolver. O trabalho exigiu dos alunos uma atuação rápida e decisões tanto na captação das imagens, como na busca ao entendimento real do fato, num tipo de captura que não se permitia a cuidados estéticos ou de esmero em planos e enquadramentos. A possibilidade de cobertura se mostrou numa narrativa de registrar tudo o que acontecia, câmera aberta, microfone aberto e registro em tempo integral de tudo o que pudesse acompanhar as situações daquele fato em sua plena ocorrência. Esta decisão sobre a captura das imagens definiu o modelo de narrativa que priorizou o áudio ambiente e as cenas em sua forma mais natural, quase brutas, sofrendo interferência apenas no processo de edição linear - uma narrativa com começo, meio e fim, pontuada por estratégias de passagem de tempo (tela com fundo preto e descrição em letras brancas) com o claro propósito de localizar e narrar, linearmente, sobre cada etapa do acontecimento. Desta forma, a preocupação recaiu sobre o processo de edição que deveria corresponder a natureza de um fato inesperado e, ao mesmo tempo, permitir a compreensão por parte dos espectadores. Esta narrativa que priorizava a estética do tempo real, com cenas tremidas, chicotes de movimento, angulações/planos não convencionais deveria ser mostrada como forma de evidenciar a tensão do próprio fato e também da cobertura por nós realizada, afinal, era também um espaço de muito aprendizado e de experiência inovadora para todos nós. Este formato, também se diferenciou do material veiculado pelos grandes meios de comunicação da região (RBS TV, BandTV, Ric Record e SBT), o que nos motivou, mais ainda, a mostrar a realidade do episódio em um formato de reportagem diferente e também permitiu mostrar cenas exclusivas, que somente a equipe de alunos havia conseguido acompanhar. A edição foi um processo de aprendizado fundamental na execução deste produto (reportagem) visto se tratar de universitários cobrindo um tema que, pelo seu contexto já é complexo e desafiador, também envolvia as possibilidades de erros e acertos na condução do material final. Como diz Paternostro:

Editar é dar sentido ao material bruto. É montar a matéria:

selecionar imagens e sons e colocar imagens e sons selecionados em uma forma lógica, clara, objetiva, concisa, de fácil compreensão para o telespectador. Editar é contar a história que foi apurada, com começo, meio e fim. Editar requer sensibilidade, concentração, criatividade, dedicação, habilidade e paciência. E, sem dúvidas, quando falamos de edição em telejornalismo, é preciso acrescentar: fidelidade às informações. Um passo em falso na edição e podemos causar um dano irreparável. (PATERNOSTRO: 2006, p.45).

Partindo da ideia de uma narrativa com menos intervenção de edição ou de efeitos e mais cronológica, o processo de edição envolveu a busca pela reconstituição dos fatos o mais próximo de como eles haviam ocorrido. Primou-se por uma edição mais clássica, intercalando corte seco com as passagens de tempo (*letterings*) que descreviam as etapas cronológicas do acontecimento. Outra decisão foi a de não utilizar as passagens tradicionais dos repórteres nem a narrativa em *off*, mesmo tendo quatro alunos na cobertura que atuaram como repórteres. A necessidade de linkar as cenas substituiu os *off's* por *letterings*, como já foi definido, que funcionaram como passagens de tempo cronológicas, ficando o restante da narrativa conduzida pelas ações dos próprios atores sociais e o som ambiente do acontecimento, enfatizando o efeito de real da cobertura.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Em relação ao produto, a reportagem que foi ao ar no dia 26 de março de 2014, às 17:30 no telejornal TJUFSC, tem duração de 6 minutos e 16 segundos, estruturou-se em blocos narrativos separados por passagens de tempo que evidenciavam os acontecimentos de forma cronológica. A postagem do programa que exibiu esta reportagem no canal do TJUFSC, no YouTube, rendeu um total de 17.075 visualizações.

Em relação ao processo, a primeira atitude da equipe ao chegar no local do episódio foi começar a gravar o que estava acontecendo, pois quando chegamos, o processo para a prisão do estudante já estava em andamento. Foram três repórteres cinematográficos, portando duas câmeras PD 150 (Sony) que utilizam fitas em formato MiniDV e uma câmera fotográfica com possibilidade de gravação de vídeo em HD (cartão de memória) e ainda, os

celulares de cinco alunos: um aluno que atuou como produtor e outros quatro que atuaram como repórteres. Enquanto os repórteres e o produtor apuravam, os repórteres cinematográficos trataram de capturar todo o material possível. Outra decisão importante foi manter a equipe junto dos estudantes e policiais envolvidos na situação, ou seja, não ficamos atrás da corrente humana, formada pelos curiosos que assistiam ao confronto, a equipe se posicionou na lateral o que lhe permitia ter em quadro tanto os estudantes quanto os policiais. Quando professores entraram no meio dos dois grupos para tentar uma mediação, estávamos num local privilegiado e conseguimos capturar claramente o áudio e ter planos aproximados (quase em *close-up*) de toda a negociação e falas de todos os lados. Assim, as imagens capturadas possibilitaram ao telespectador um efeito de maior participação, um “estar presente” na negociação ou na linha de frente com os alunos e os policiais durante a ação do batalhão de choque. Também em relação ao processo de captação de imagens é importante ressaltar as condições delicadas do episódio. A situação de tumulto, exaltação dos personagens e, mais tarde, bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e spray de pimenta não eram as condições mais favoráveis para se aplicar as técnicas de cinegrafia. O furor do momento resultou em imagens tremidas e sem um enquadramento adequado. Mas foi a presença em todos os desdobramentos do episódio que garantiu imagens exclusivas para a reportagem - que mais tarde foram solicitadas por alguns telejornais locais. Durante o conflito, a equipe se questionou em que formato as imagens seriam veiculadas. Cogitou-se um boletim ou uma nota coberta, mas optou-se por conferir todas as informações e esperar que as negociações se encerrassem. Também foi ponderado o fato de parte das imagens estarem em fitas que precisariam ser decupadas e, pelo horário que se estendeu o episódio, o laboratório de telejornalismo usado nas aulas já estava fechado. Por último, foi colocado como motivo principal a necessidade de avaliar calmamente todo o material que tinha-se em mãos para só depois começar o processo de edição. A cautela da equipe se justifica pelo peso que a reportagem teria na comunidade acadêmica já que o meio em que seria divulgado é o único telejornal dentro da universidade e um dos principais veículos de informação dos alunos. Nas horas que se seguiram após o confronto no bosque da UFSC, a equipe se reuniu para discutir qual narrativa seria mais propícia para contar os acontecimentos. Como dito anteriormente, optou-se pela narrativa

em formato mais próximo da natureza das imagens capturadas, organizadas de forma cronológica à ocorrência dos fatos. No dia seguinte ao acontecimento, enquanto parte da equipe se dirigia até a Polícia Federal para participar de uma coletiva de imprensa com o delegado responsável pelo caso outra parte ficou na sala de edição para analisar o material gravado. O processo de edição em si (usando o software) começou de manhã e terminou apenas alguns minutos antes do telejornal ir ao ar. E durante o processo de edição, a equipe toda acompanhou para tentar reconstruir fielmente a ordem dos fatos.

6 CONSIDERAÇÕES

Devido ao caráter inesperado da pauta, que exigiu uma reação rápida da equipe, pouco tempo foi destinado para refletir sobre qual seria o melhor equipamento de gravação. Em um primeiro momento, parte da equipe deslocou-se ao local do acontecimento com dois Iphones, Ipod, uma câmera fotográfica digital e uma câmera que faz gravação em fita. Em um segundo momento, quando percebeu-se a grandiosidade do acontecimento, foi pedido para que o restante da equipe também se deslocasse para o local com mais uma câmera que também faz gravação em fita. Mais tarde, após a reportagem estar finalizada, percebeu-se que a presença de uma GoPro seria extremamente vantajosa (a equipe não dispunha desse equipamento). Com ela, seria mais eficaz a tentativa de mostrar uma visão mais panorâmica da situação.

Ao fazer a cobertura do confronto no bosque da UFSC, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar o que poucos estudantes trabalham e passam dentro da graduação. A experiência pode ser comparada com acontecimentos de nível nacional. Os alunos perceberam a necessidade de documentar um fato tão importante e fora da rotina de universidades, que causaram desdobramentos posteriores, e se arriscaram na cobertura dando prioridade às melhores imagens do confronto, inclusive com cenas exclusivas da negociação, e buscaram as informações corretas de todas os lados do episódio. A necessidade de tomar decisões rápidas, também foi agregada ao trabalho feito e testou as habilidades dos estudantes envolvidos no projeto. Apesar das informações chegarem aos poucos, uma vez que o confronto estava acontecendo, o pensamento de como seria feita a

edição exigiu que todos refletissem a importância de mostrar a imparcialidade na reportagem e, ao mesmo tempo, colocar todos os pontos de vista dos envolvidos no confronto. A cobertura de um episódio único e que exigiu respostas imediatas, ofereceu aos alunos um conhecimento e uma experiência ainda desconhecidos e que serão aplicadas nas próximas reportagens. A mistura de respostas rápidas para eventos inesperados e uma posterior reflexão em como tratar a grande quantidade de material gravado e de suma importância para os universitários, trouxe uma imensa responsabilidade para os envolvidos na cobertura do confronto, que mesmo buscando empregar os conhecimentos adquiridos ao longo do curso, em reportagens já feitas por outros meios de comunicação, em muito utilizou-se da nossa própria intuição, em jogo naquele momento único e inesperado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCURE, Lenira. **Telejornalismo em 12 lições**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.
- BARTHES, Roland. **Essais Critiques**. Paris: Éditions De Seuil, 1964.
- BONASIO, Valter. **Televisão: manual de produção & direção**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2002.
- BRASIL, Antônio; ARNT, Héris. **Telejornalismo on-line em debate**. Rio de Janeiro: e-papers, 2002.
- BUCCI, Eugênio (org.) **A TV aos 50**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.
- CARRAVETTA, Luiza. **Construindo o telejornal**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.
- EMERIM, Cárilda. **As entrevistas na Televisão**. Florianópolis: Insular, 2012.
- _____; BRASIL, Antônio. *Coberturas em Telejornalismo*. ANAIS do XXXIV Congresso Nacional da Sociedade Interamericana de Estudos de Comunicação, INTERCOM 2011.
- _____; CAVENAGHI, Beatriz. *Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais*. ANAIS do X Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2013.
- _____; PAULINO, Rita de Cássia (orgs.). **Ensaio sobre televisão e telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2013.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.
- REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil : um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.
- REZENDE, Sidney e KAPLAN, Sheila. **Jornalismo Eletrônico ao Vivo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na Tevê**. São Paulo: Campus, 2006.
- VILLELA, Regina. **Profissão: jornalista de TV – telejornalismo aplicado na era digital**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2008. (DBU)
- YORKE, Ivor. **Telejornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.